

CADMO

Revista de História Antiga

Centro de História
da Universidade de Lisboa

19



ἩΜΕΙΣ ΤΟΙΣ ΠΑΙΣΙΝ ΤΗΣ ΠΟΛΕΩΣ
ΜΗΝΙΝ ΛΕΙΔΕ ΘΕΑ ΠΗΛΗΙΑΔΕΩ

TYPHAINE HAZIZA, *Le kaléidoscope hérodotéen: Images, imaginaire et représentations de l'Égypte à travers le livre II d'Hérodote*, Paris: Les Belles Lettres, 2009, 393 pp., ISBN 2251326707.

O livro agora publicado pelas Belles Lettres afigura-se, em simultâneo, um importante contributo para a exegese do livro II de Heródoto e um preciso complemento ao monumental comentário, em três volumes, que Alan B. Lloyd lhe dedicou no século passado.

Perante uma interrogação da Autora, «pour quelles raisons l'Enquête a-t-elle fasciné et continue-t-elle de fasciner les esprits?», o título escolhido é uma excelente tentativa de resposta para o fascínio que a obra exerceu nos vários campos da literatura ocidental. Na sua organização interna, a obra segue a do próprio Heródoto, o que permite ao leitor uma transição natural do texto para as fontes secundárias e, em concreto, os comentários. Assim, depois de uma longa introdução, em que passa em revista os temas principais em análise nos estudos herodotianos, como o contexto histórico das *Histórias*, a metodologia utilizada pelo «Pai da História», as fontes orais e escritas por ele consultadas, ou as suas anedotas, entramos no estudo propriamente dito. Este divide-se em duas partes: «Le Milieu Naturel: Entre Description Raisonnée et Reconstruction Symbolique» e «L'Approche Ethnographique de L'Égypte: De L'Autre Côté du Miroir».

A primeira parte é constituída por três capítulos. Os dois primeiros, «La Géographie Égyptienne d'Hérodote: Un Project de Description Rationnel» e «L'Appréhension du Nil: Chocs et Complémentarité des Logiques», são dedicados à inserção do país dentro das fronteiras da *oikoumene*, partindo, como o historiador já havia feito, das primeiras especulações geográficas jónicas, para rever a sua localização, clima e fronteiras naturais. A Autora concentra-se ainda nas misteriosas fontes do Nilo, cartão de visita do país que, como as pirâmides, conquistou o imaginário colectivo e que, na prática, se transformou no garante da identidade egípcia, de acordo com o oráculo de Amon (2. 18), enquanto entre os Gregos esse papel era assegurado pelo sangue e pela língua (8. 144). Com o terceiro capítulo, «L'Intrusion de L'Imaginaire», a investigação, que até aqui se havia centrado na busca pela verdade procurada por Heródoto, volta-se para a intertextualidade entre as culturas grega e egípcia presente no imaginário que rodeia o *logos*, através da análise de episódios como a ilha flutuante de Quémis (2. 156) ou as várias anedotas que rodeiam os reinados de Rampsínito (2. 122) e Seto (2. 141).

Na segunda parte, encontramos os restantes três capítulos que concluem este estudo: «La Société Égyptienne et ses Activités Professionnelles: Entre Regard Grec et Réalités Égyptiennes», «La Famille et la Place des Femmes» e «Approches de la Vie Quotidienne et des Croyances Égyptiennes». Destacam-se pela abordagem centrada nas questões sociais e religiosas da sociedade egípcia que intrigou e, ao mesmo tempo, fascinou Heródoto com a sua sabedoria e cultura ancestral, visto que os seus costumes se coadjuvavam com a natureza invulgar do Nilo.

A grande mais-valia desta obra de Typhane Haziza assenta na inclusão do património cultural helénico como forma de abrir novas linhas de investigação, ainda que sempre confrontadas com fontes egípcias. Infelizmente, as ideias políticas associadas aos reinados não mereceram grande reparo por parte da Autora, o que poderia ter dado outra dimensão a este estudo e ao próprio *logos*. Resta-nos apenas acrescentar que o estudo é complementado com anexos, que apresentam tabelas cronológicas e listas de reinados, a par de mapas e índices para uma melhor consulta.

Nídia Catorze Santos

ROBERT B. STRASSLER, *The Landmark Herodotus: The Histories*, New York: Pantheon Books, 2007, 953 pp., ISBN 0375421092.

A necessidade de oferecer ao meio académico e também ao grande público boas traduções, que transmitam ao leitor a subtileza da linguagem utilizada e ao mesmo tempo mantenham a fidelidade ao texto, tem sido uma exigência constante e também uma necessidade premente, uma vez que o domínio do grego é cada vez mais apanágio de um grupo restrito de especialistas. Desde as primeiras traduções, em língua inglesa, como as de Henry Cary (1849), George Rawlinson (1858-1860), Macaulay (1890), Godley (1920), Enoch Powell (1949), De Sélincourt (1954), Grene (1989) e Waterfield (1998), que o principal desafio tem sido apresentar a obra do «Pai da História» a sucessivas gerações de leitores.

Fruto de uma década de trabalho, *The Landmark Herodotus* apresenta-se como a tradução que introduz Heródoto a um novo milénio. A obra inicia-se com uma extensa introdução, ao autor e à sua época, sem esquecer o contexto histórico, fiabilidade do texto ou a tradição oral e